



UMA FARSA DE AMOR

na Espanha

CONTEÚDO EXTRA



ELENA ARMAS





ARQUEIRO

A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

**UMA FARSA
DE AMOR NA
ESPANHA**

- CONTEÚDO EXTRA -



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



UMA



FARSA



DE AMOR

na Espanha

CONTEÚDO EXTRA



ELENA ARMAS



Título original: *The Spanish Love Deception - Bonus content*

Copyright © 2022 por Elena Armas
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alessandra Esteche

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Ana Sarah Maciel

diagramação e adaptação de capa: Gustavo Cardozo

capa: Elena Armas

imagem de capa: Ella Maise

foto da autora: Ella Maise

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A758f

Armas, Elena

Uma farsa de amor na Espanha [recurso eletrônico] / Elena Armas; tradução
Alessandra Esteche. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2023.
recurso digital

"Conteúdo extra."

Tradução de: The Spanish love deception

Formato: ePub

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5565-436-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção espanhola. 2. Livros eletrônicos. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

22-80529

CDD: 863

CDU: 82-3(460)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br



UM

Sede da InTech, Manhattan, Nova York

– Eu vou como seu acompanhante no casamento.

As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse impedir. Aquilo não era do meu feitio. Quase nunca acontecia.

Vi os ombros dela ficarem tensos, seu pescoço e sua nuca se enrijecerem.

Ah, merda. Isso não fazia parte do plano. Não que existisse um. No que dizia respeito a Catalina, eu estava disposto a aceitar o que quer que ela oferecesse. Até agora, a oferta não era de amizade, nem mesmo de camaradagem no trabalho. Longe disso, mas tudo bem. Era o preço que eu tinha que pagar pela minha idiotice. Pela minha estupidez.

Mas, pelo jeito, eu também estava disposto a aceitar algo que ela nem sequer estava oferecendo.

Eu não tenho ninguém, Rosie. Ninguém.

Ouvir essas palavras, vindas dos lábios dela, foi ao mesmo tempo satisfatório e enlouquecedor. Como era possível que alguém como ela não tivesse ninguém? Como era possível que, durante os quase dois anos em que trabalhamos juntos, eu nunca tivesse visto algum cara indo buscá-la no escritório ou como acompanhante em eventos da empresa?

Uma mulher como Catalina não ter um acompanhante para um casamento parecia impossível. Mas ela precisava de alguém, desesperadamente, segundo disse, e uma parte primitiva em mim logo quis se rebelar e se envolver. Tirar o problema das mãos dela.

– Se você precisa tanto assim de alguém, eu vou – repeti olhando para sua nuca.

Meus Deus, o que eu estava fazendo?

– Rosie... – disse ela.

Embora eu não estivesse vendo seu rosto, conseguia imaginar cada um de seus traços. Os lábios carnudos entreabertos. Os lindos olhos castanhos arregalados. A pele macia corada.

– Ele está mesmo ali? Você está vendo ele? Ou alguém batizou meu café sem eu notar?

As coisas que saíam da boca daquela mulher ridícula e linda. Eu devia ter caído na gargalhada, mas me contive. Essa reação não fazia parte do jogo. Da nossa relação. De como agíamos na presença um do outro.

Rosie murmurou alguma coisa, então espiou ao redor e olhou diretamente para mim.

– Oi. Bom dia! – disse, e então, voltando a olhar para Catalina, acrescentou em voz baixa: – Bem atrás de você.

Esperei alguns segundos, mas Catalina não disse nada.

A paciência vinha sendo uma bênção e uma maldição naqueles dias. Dias que se tornaram os vinte meses mais longos da minha vida. Às vezes, eu desejava tanto qualquer interação com ela que arrumava um jeito de irritá-la, de fazer com que ela transparecesse no olhar aquela emoção borbulhante. E, ao mesmo tempo, ficava satisfeito simplesmente com a espera, dia após dia, semana após semana, mês após mês, me contentando com o que quer que

fosse aquilo que havia entre nós. Era doloroso. Gratificante. Exaustivo.

– Eu preciso repetir uma terceira vez? – perguntei, secamente.

Silêncio. Mas eu conhecia aquela mulher melhor do que ela imaginava. Catalina era determinada e teimosa, mas também corajosa e direta. Sincera. Uma mulher que não levava desaforo para casa. Ainda mais um desaforo vindo de mim. O que me dava certa vantagem.

– Beleza, tudo bem – falei com um suspiro exageradamente barulhento.

Eu estava fazendo questão de irritá-la para garantir uma reação. *Vira, eu quero ver o seu rosto.*

– Eu posso ir com você – falei. E, depois de uma pausa: – Ao casamento da sua irmã.

O corpo dela ficou ainda mais tenso.

A bravata não funcionou, e por um instante eu quis voltar no tempo.

Catalina soltou uma risada meio bufada. Alta.

Arqueei as sobrancelhas.

– Qual é a graça?

Dessa vez ela realmente riu, ainda sem se virar, como se aquilo fosse uma piada. Um joguinho. E naquele momento eu soube. A resposta para minha pergunta.

Uma determinação que nunca senti antes se solidificou dentro de mim. Se instalou nas minhas entranhas. No meu peito. Cada instante desde o dia em que a conheci passou diante dos meus olhos. Quando acordei naquela manhã, não poderia ter imaginado aquilo, a mudança que tinha acabado de acontecer. Aquela convicção que tinha acabado de se acomodar, que agora era clara. Vinte meses tinham sido suficientes. Chega.

Eu estava me oferecendo para ir com ela ao casamento, e ela imediatamente presumiu que eu estava brincando. Fazendo piada.

Não. Eu não queria mais ser aquele homem aos olhos dela. O colega que ela mal conseguia suportar.

Ela achava que precisava de alguém para acompanhá-la no casamento? Bem, esse alguém seria eu. Eu colocaria fogo em toda a cidade de Nova York antes de deixar que outro homem fosse com ela.

– Estou falando sério – insisti.

E estava. Na verdade, acho que nunca tinha falado tão sério na vida.



NOVE

Um terraço na Park Avenue, Nova York

– Vamos dançar.

Estendi a mão, preenchendo o pequeno espaço que havia entre nós.

Catalina ficou boquiaberta observando-a. Mais um segundo e eu teria implorado.

– Isso faz parte do acordo? – perguntou ela.

Franzi a testa, surpreso.

Quando a convidei para o baile beneficente, quando negocieei esse gesto que ela poderia fazer por mim, Catalina deve ter imaginado que eu queria que ela fingisse. Que viesse como minha acompanhante de mentira e desempenhasse um papel, como queria que eu fizesse no casamento. Só que esse nunca foi meu plano.

Minha intenção era convidá-la para um encontro de verdade. As palavras estavam prontas para saltar da minha boca, mas recuei.

Naquele instante me lembrei de uma coisa que havia esquecido durante a noite: ela achava que *nós dois* estávamos fingindo. Ela não sabia que *eu* não estava, que eu queria que aquilo fosse um encontro, não uma farsa, para ela também.

– A gente dançar, quero dizer – explicou ela, me trazendo de volta para a realidade. – É só para fazer de conta, certo?

– Isso – menti, deixando minha mão pairar entre nós. – Só para fazer de conta.

Relutante, ela pegou minha mão e me esforcei para que o alívio profundo que senti não transparecesse em meu rosto. Ela mexia comigo a esse ponto. Era impressionante a facilidade com que ela conseguia me tirar do eixo e cegar meu bom senso com uma coisa tão simples como segurar minha mão.

Eu a puxei atrás de mim, com gentileza e firmeza ao mesmo tempo, envolvendo seus dedos nos meus, sentindo sua pele macia na minha. A determinação de aceitar tudo o que ela estivesse disposta a me oferecer me atravessou. Quando chegamos à pista de dança, parei e me virei, e meus olhos imediatamente se concentraram no rosto dela. Catalina ficou corada. Os olhos grandes e castanhos brilhavam com o mesmo estado de alerta que eu estava sentindo.

Ela está tão abalada quanto eu.

Engoli em seco, me aproximando e fazendo questão de olhar em seus olhos enquanto envolvia sua cintura com os braços. O calor suave de seu corpo, seu perfume doce, a sensação de sua pele em minhas mãos, mesmo através do tecido do vestido azul-escuro deslumbrante, era quase irresistível. Era quase impossível me conter.

Catalina colocou as duas mãos em meu peito, e pressionei meu corpo contra suas palmas pequenas, discretamente invadindo seu espaço. Ela inclinou a cabeça para trás e, só quando já fazia bastante tempo que ela parecia estar prendendo a respiração, a ponto de eu começar a ter medo de que ela desmaiasse, comecei a me mexer. Fui guiando nossa dança, me movendo de um lado para outro, seguindo a batida suave da música,

tentando não pensar na perfeição que era sentir Catalina ali, em meus braços.

Ela acompanhou meus passos, rígida e quieta, tão silenciosa que comecei a ficar preocupado. Observei seu rosto, à espera de uma reação, uma palavra, uma de suas piadas. Caramba, eu aceitaria até um comentário sarcástico sobre minha roupa, ou meu cabelo, ou o fato de eu não ter coração. Mas ela ficou... em silêncio. Estava preocupada com alguma coisa. Contando os passos, talvez?

Pegando-a de surpresa, fiz Catalina rodopiar e, de repente, ela começou a tombar para o lado, fugindo do meu alcance. Meus braços a envolveram imediatamente, com firmeza, trazendo-a até meu peito. Até mim.

Coxas, quadril e peito colados nos meus.

A sensação era ardente. Calmante. Abrasadora. Suavizante. Era isso que Catalina era para mim. Emoções poderosas, belas, contraditórias.

– Obrigada – murmurou ela. – E desculpe.

Havia alguma coisa em sua voz, então a abracei com ainda mais firmeza, meu instinto entrando em ação. *Atenção, Blackford.*

– Por precaução.

Catalina resmungou alguma coisa que não entendi e, meu Deus, ela estava tão aérea que senti vontade de rir. Como antes, quando não consegui me segurar. Eu parecia a porcaria de um fio desencapado com Catalina tão perto, e ela ainda me fazia querer rir como um idiota. *Felicidade?* Sim. Essa mulher me deixava feliz só de estar ali, em meus braços, e ela não fazia ideia disso.

Ela mexeu as mãos em meu peito, e deixei escapar um *hummm* em resposta.

Meu Deus, T.J. tinha razão. Eu estava perdido. Completamente perdido. Não conseguia enxergar nada além da minha paixão.

Catalina tropeçou mais uma vez, me dando a desculpa perfeita para trazê-la ainda mais para perto. Para me aproximar e falar em seu ouvido.

– Você não devia ser boa nisso, Catalina?

– Como assim?

Eu me aproximei ainda mais, meus lábios quase tocando sua pele.

– Achei que você tivesse nascido sabendo – expliquei. – Que a música

corresse nas suas veias.

– É que esse não é meu estilo – respondeu ela prontamente, com um tom de voz diferente. – Ou talvez meu parceiro não seja o mais adequado.

Deixei escapar uma risadinha e, para meu absoluto prazer, o rosto dela ficou ainda mais corado. Ela olhou para mim com um misto de surpresa e curiosidade.

Voltei a aproximar a boca de seu ouvido, ansioso para conseguir mais do que quer que fosse aquilo.

– Você por acaso admitiu que não é boa em alguma coisa? Para mim?

– Eu nunca disse que sou uma dançarina espetacular. Além do mais, essa coisa de nascer sabendo dançar é só um estereótipo. Muitos espanhóis não seriam capazes de acompanhar o ritmo de uma música nem que a vida deles dependesse disso.

– Estou percebendo – murmurei, levando uma das mãos até sua lombar.

– Vou continuar conduzindo, então.

Tracei um círculo com meu polegar naquela área e, quando falei novamente, notei meu tom de voz diferente, mais rouco.

– Só para o caso de você fazer parte desse grupo.

Uma lufada suave de ar deixou seus lábios, e senti em minha pele, mesmo através das camadas de tecido que cobriam meu peito.

– Se acha melhor... – disse ela.

Mas suas palavras agora pareciam trêmulas, distraídas. E me diziam o que eu precisava saber. Fui eu, meus braços a envolvendo, a proximidade de nossos corpos, que a tinha feito tropeçar. Meu sangue ferveu.

Quando ela voltou a falar, foi apenas um sussurro.

– Eu não fazia ideia que você sabia dançar.

Engoli em seco, me esforçando para manter a compostura, tentando não dizer o que estava em minha mente. *Você pode saber tudo sobre mim, se me deixar mostrar.*

– Tem algumas coisas sobre mim que você não sabe, Catalina.



DEZENOVE

Em algum lugar no norte da Espanha...

Catalina abriu a gaveta da cômoda com tudo. Ela estava ali, de pijama, com as roupas que tinha tirado embaixo do braço, olhando para o que havia dentro da gaveta sem se mexer.

Após alguns segundos, fechou a gaveta.

Contive um suspiro.

Ela estava assustada, e eu a conhecia bem o bastante para saber o motivo. Não era minha presença no quarto apertado, ou o fato de termos que compartilhar a cama. Era outra coisa.

Eu já a conhecia bem. No fundo, Catalina confiava em mim para estar ali com ela. Sabia que estava segura comigo, que não estaria segura em nenhum outro lugar, com mais ninguém, por mais que ela não quisesse admitir. Eu via

isso em seu rosto quando a tocava, ou no modo como o corpo dela reagia quando eu me aproximava. Estava claro como o dia que parte dela já tinha se rendido e confiava em mim – e, meu Deus, isso me fazia querer uivar para o céu, triunfante. Me fazia querer jogá-la em cima do ombro e sair correndo para longe de tudo e de todos. Era isso que aquela mulher fazia comigo. Mas eu não podia agir assim. Não quando alguma coisa a fazia recuar sempre que avançávamos um passo. Catalina ainda estava escondendo alguma coisa de mim, e eu seria capaz de apostar que essa coisa tinha tudo a ver com seu ex. Por isso ela se continha quando sentia que estava se abrindo demais para mim. Quando via como era boa a sensação de estarmos juntos.

Incapaz de me conter, me aproximei por trás e acariciei seu braço.

Ela respirou fundo bruscamente ao sentir meu toque. A eletricidade pulsava através da minha mão.

– O que foi? – perguntei, tentando distraí-la dos próprios pensamentos.

Fora de controle, meus dedos percorreram toda a extensão de seu braço.

– Você está inquieta.

– Nada. Está tudo bem – respondeu ela. Mas eu sabia que era mentira. – Estou... tranquila.

Mais uma mentira.

Esperiei um, dois, três, dez segundos, querendo, torcendo para que ela se abrisse, exercitando aquela paciência que eu vinha praticando há tantos meses. Mas nada foi capaz de me preparar para aquela mulher linda e complexa que eu desejava tanto que chegava a doer. Então, como ela não se virou, como ela sequer olhou para mim, tirei a mão e dei um passo para trás.

– Eu durmo no chão – falei, tentando disfarçar qualquer emoção em minha voz.

Fiz menção de me afastar, mas, antes que pudesse sair do lugar, Catalina virou e sua mão segurou meu braço. Meu coração comemorou e deu um salto quando ela envolveu meu pulso com os dedos. Aquela maldita eletricidade percorreu meu corpo mais uma vez, só que agora com ainda mais força por causa daquela mão, e senti minha pulsação acelerar sob seu toque, como sempre acontecia. Fiz questão de olhar naqueles olhos castanhos calorosos, esperando encontrar o que eu desejava dela.

– Não.

Naquele sussurro, eu ouvi. O medo. O desejo. A faísca de ousadia daquela garota corajosa que já tinha me ganhado.

– Eu disse que você não precisa fazer isso. Vamos dormir na cama. Nós dois – disse Catalina, engolindo em seco.

Eu fiquei ali, em silêncio, esperando que ela continuasse. Torcendo para que ela continuasse.

– Não estou preocupada com i-isso. Eu só...

Ela hesitou, balançando a cabeça.

Eu sei, amor, era o que eu queria dizer. Sei que você está com medo, mas não precisa.

Mas às vezes as palavras não bastam. É preciso agir.

Ela fechou os olhos, como se precisasse de um instante, e quando voltou a erguê-los na minha direção, não havia nem sinal da hesitação de antes. Havia apenas desejo.

Uma surpresa agradável e calorosa percorreu meu corpo.

Catalina queria aquilo, mas não sabia como me dizer. Como chegar lá.

É agora, pensei. Um daqueles momentos na vida em que a estrada se divide em dois caminhos possíveis. Eu poderia me afastar e deixá-la com seus pensamentos, deixar que aquelas palavras que estavam na ponta da língua dela ficassem não ditas e continuar esperando. Ou poderia fazer o contrário. Poderia me aproximar, fazer com que verbalizasse o que não conseguia se convencer a dizer.

Demorei apenas um segundo para decidir.

– Me fala o que está passando nessa sua cabeça; pode confiar em mim – Cheguei mais perto porque precisava tocá-la, e segurei seu rosto. – Me deixa te mostrar que você pode confiar em mim.

Ela olhou nos meus olhos, e vi bem ali, naquele rosto radiante, reluzente, aquela confiança que fazia com que eu me sentisse invencível.

Catalina inclinou a cabeça, entregando-se ao meu toque, e nunca vou entender como consegui me conter e não beijar sua boca bem naquele momento.

– Não sei como fazer isso – sussurrou ela.

Talvez fosse aquele desejo poderoso de colar meus lábios nos dela, a ideia do beijo pelo qual eu seria capaz de incendiar cidades, mas alguma coisa dentro de mim mudou. *Ações. Preciso mostrar para ela.* Antes que eu me desse conta do que estava fazendo, peguei as roupas das mãos dela e joguei tudo em algum lugar atrás de mim. Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, invadi o espaço pessoal dela e tomei aquela mulher para mim.

– Feche os olhos – falei, incapaz de esconder a urgência que estava sentindo.

Ela fechou os olhos imediatamente, sem hesitar, e aquela sensação poderosa e conhecida de satisfação cresceu dentro de mim.

Precisei esperar alguns segundos para conseguir me controlar. Para não jogar a prudência pela janela de uma vez por todas e estragar tudo.

– Eu já te disse que sou paciente – falei, mais para mim do que para ela. – Que não tenho medo de dar duro pelo que quero.

Nenhuma parte de nossos corpos estava se tocando e foi preciso muito autocontrole para ficar ali, minha boca tão perto, mas sem tocar sua pele macia da orelha.

Para não perder o foco, voltei a falar.

– Talvez eu não tenha sido totalmente sincero.

Catalina inclinou o corpo para a frente, gravitando em minha direção. Os lábios abertos, a respiração saindo trêmula, e naquele momento eu soube, simplesmente soube, que se não a tocasse ela mesma se aproximaria para fazer isso.

Então cheguei bem perto e meus lábios finalmente tocaram a pele quente embaixo de sua orelha. Sentir o arrepio que percorreu Catalina da cabeça aos pés me encheu de orgulho. Que privilégio.

– Está ficando muito difícil esperar – confessei, encostando os lábios mais uma vez naquele pedaço de pele, enquanto ela ainda estava com os olhos fechados. – Você está quase me fazendo enlouquecer.

Catalina soltou um gemido, mas notei que ela nem percebeu.

Cheguei ainda mais perto, rindo da situação embora não tivesse graça nenhuma. Eu estava totalmente perdido naquela mulher. Totalmente...

indefeso.

– Mas eu sou um homem de palavra – completei enfim, encostando os lábios no pescoço dela.

Catalina prendeu a respiração. Fui subindo a outra mão pelo braço dela até chegar à bochecha, e então segurei seu rosto com as duas mãos, como eu tinha feito antes.

– Você quer que eu me afaste? – perguntei, meu polegar acariciando seu queixo de leve, meu toque implorando que ela dissesse que não.

Ela balançou a cabeça.

Soltei um *hummm* rouco.

– Então você quer que eu te toque...

Ela não respondeu dessa vez, mas não precisava. Eu sabia ler aquela mulher como se ela fosse um livro aberto.

– Ótimo.

Deslizei os dedos pelo pescoço dela, incapaz de não tocá-la em todos os lugares que pudesse. Só parei quando cheguei ao decote do pijama.

– Aaron... – sussurrou ela.

Estou te ouvindo, amor, era o que meu toque dizia, meus dedos roçando em sua pele. Aquilo era o bastante para enlouquecer nós dois um pouco mais, mas não a ponto de perdermos totalmente a cabeça. Eu queria ir com calma. Desenhei um círculo com o polegar na altura da clavícula dela e cheguei o rosto perto de sua nuca.

– Aaron...

Algo na voz dela me fez parar. Prendi o ar.

– O que estamos fazendo? – perguntou ela, antes de soltar um suspiro longo e entrecortado.

E então eu congelei, virei pedra. *Não faz isso, Catalina.*

– Ainda estamos... fingindo? Isso aqui é só uma encenação?

E todo o ar pareceu deixar meus pulmões em um suspiro silencioso.

Fingindo. Praticando. Ela não estava pronta. Ainda não. Perceber isso foi como se alguém tivesse pegado meu coração e corrido com ele, mas ao mesmo tempo eu entendi. Teríamos mais tempo. Eu arranjaría mais tempo por mais que cada segundo de espera me partisse ao meio.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma Farsa de Amor na Espanha (Conteúdo...)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).